

Limpeza pára e os hospitais pioram

JORNAL DE BRASÍLIA

DE Saúde 2 DEZ 1988

ivaldo Cavalcante



O lixo começa a se acumular no Hospital de Taguatinga

Os quase 300 pacientes do Hospital Regional da Asa Sul (Hras) estão convivendo, desde quarta-feira, além das doenças, com a sujeira. É que os 115 funcionários que realizam a limpeza do local estão em greve.

Ontem, os 367 internados no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) e mais os que foram atendidos no pronto-socorro começaram a disputar espaço com o lixo acumulado no chão, corredores e quartos. O motivo também é a greve do pessoal de limpeza.

Hoje, os 150 encarregados deste setor no Hospital Regional de Ceilândia também aderem ao movimento. A reivindicação é a mesma e tem o mesmo endereço: a Ipanema Empresa e Serviços Gerais e Transportes Ltda; firma prestadora de serviços, contratada pelos três hospitais para limpeza e higienização.

Reivindicações

Ao todo são 445 funcionários, com um salário médio de Cz\$ 37 mil (novembro), que trabalham em

três turnos, reivindicando uma jornada de seis horas, uniformes e equipamentos para que possam desempenhar com segurança o serviço.

A Ipanema adiantou, através de seu gerente, Germario Azevedo, que só vai resolver a questão na Delegacia do Trabalho.

“Em outubro, enviamos uma correspondência para esta e outras três firmas que prestam serviço aos hospitais de Brasília, pedindo uma mesa redonda para discutir o problema, mas só depois que o pessoal do Hras entrou em greve houve um início de diálogo, logo interrompido”, informou Bernardino Alves de Moura, da diretoria do sindicato.

Assistindo a discussão estão os maiores interessados, que são os hospitais. A única providência tomada por eles foi a exigência feita à empresa em cumprir parte do contrato. No item exigido, consta que as áreas críticas, como o Centro Cirúrgico e Obstétrico, Unidade de Terapia Intensiva (UTI), ber-

çário e setor de isolamento não sejam prejudicadas, independente de qualquer problema. “Cobramos isto quarta-feira à tarde. A Ipanema nos enviou 30 trabalhadores que fizeram, precariamente, a higienização nestes locais de alto risco”, disse João Alfredo Santos, administrador do Hras.

É é justamente quando este pessoal assume as funções que ocorrem os tumultos nas portas dos hospitais. Na tarde de ontem, para que entrassem no Hras, foi preciso a interferência de 20 policiais militares.

Dizendo-se preocupado com as consequências da falta de limpeza no local Jarbas Deusdará, diretor do hospital, informou que somente daqui a 20 ou 30 dias elas aparecerão. “Até lá, existe um período de incubação, que depois resultará em um índice elevado de infecção hospitalar”, explicou. Ele adiantou que com o retorno do pessoal de limpeza, o HRT será totalmente lavado e desinfetado para minimizar o problema.